

CEOMT - Centro de Estudo do Trabalho do Mestre Tibetano

Estudo do livro Um Tratado Sobre Fogo Cósmico

Estudos 213 a 215

SEGUNDA PARTE

SEÇÃO B

Fogo Solar

IV - O Futuro de Manas (Continuação)

Estes tópicos que vão da página 408 a 410, serão abordados nos estudos 213 a 215

Estudo 213

3. Manas nas Rondas Finais

a. O Processo Transmutador - A Manipulação Consciente dos Fogos (Comentários sobre as páginas 408, 409 e 410)

Teçamos comentários sobre o que foi exposto imediatamente antes. Sabemos que em todo processo transmutador 3 agentes estão sempre presentes: aquilo que vai ser transmutado, a Vida (em qualquer nível), a qual, quando atua é fogo elétrico e daí ser chamada fogo elétrico; o chamado, pelo Mestre Djwal Khul, fator central do fogo solar; a força que atua sobre a parede esferoidal do átomo, o fogo por fricção.

Para haver transmutação, dentro dos padrões previstos no Plano Divino, é necessário o estímulo sobre a Vida que está se expressando através de uma forma, de tal modo que essa Vida reaja ao estímulo, tornando-se mais dinâmica, o que é feito por meio do seu fogo elétrico, o qual atua nos seus fogos solar e por fricção. Sabemos que existe uma interação entre os fogos por fricção e solar (também chamados kundalini e prana, respectivamente), os quais devem ficar em sintonia (ou fundidos) e finalmente, sintonizarem-se (ou fundirem-se) com o fogo elétrico. Isto ocorre em todos os níveis, tanto que na 4ª iniciação planetária, a da Renúncia, os 3 fogos: elétrico da Mônada, solar da Alma e por fricção dos corpos inferiores, fundem-se (entram em sintonia perfeita) e, pelo intenso calor gerado pela elevadíssima vibração ou oscilação, desintegram o Loto Egoico, liberando as Vidas residentes nas partículas do Loto Egoico e o Anjo Solar, ocorrendo a grande Transmutação buscada pela Mônada humana em sua peregrinação pelos 3 mundos inferiores, dos quais Ela fica totalmente livre.

Nesse fenômeno elétrico, a iniciação, importantíssimo para o homem, percebemos claramente os 3 agentes atuantes: o fogo elétrico da Mônada, o fogo solar da Alma e o fogo por fricção dos 3 corpos inferiores.

Assim, deduzimos logicamente que todo aquele que quer ajudar no processo de transmutação (não esquecer que uma iniciação é uma transmutação), tem de *saber e ter poder de* manipular, com plena consciência, técnica e numa intensidade certa, os 3 fogos externos, de tal modo que os fogos internos tríplexes dos corpos da Vida ocupante sejam estimulados, o que levará a Vida ocupante a perceber esse estímulo e Ela mesma passar a se autoestimular, até atingir o ponto de liberação pela sua própria iniciativa. Portanto o trabalho do transmutador não é fazer o trabalho da Vida com a qual ele está trabalhando, mas sim dar o estímulo inicial e acompanhar

todo o processo a ser desenvolvido pela Vida estimulada. É muito evidente que a Vida é que tem de agir; se assim não fosse, como Ela iria aprender?

Há mais uma coisa a ser considerada: sempre teremos uma *Vida mais evoluída* estimulando uma outra *Vida menos evoluída*. É esse o verdadeiro segredo de toda transmutação.

Fica bem óbvio que todo transmutador (na realidade todo Mago) tem de ser o Senhor supremo dos 3 fogos de seus corpos, o que, com outras palavras, é o domínio pleno dos seus corpos. Daí a ênfase que o Mestre Djwal Khul dá ao estudo dos fogos, constituindo eles o título de Seu mais importante e profundo livro, o Tratado sobre Fogo Cósmico.

Quando enfocamos a transmutação, vemos:

- A Vida estimuladora, mais evoluída, polo positivo.
- A Vida a ser estimulada, menos evoluída, polo negativo.

Composição de ambas as Vidas:

- Vida central, expressando fogo elétrico por excelência, no caso do homem, a Mônada.
- Vida intermediária, expressando fogo solar por excelência, no caso do homem, a Alma ou Ego.
- Corpos de expressão, expressando fogo por fricção por excelência, no caso do homem, a personalidade, quando enfocamos os 3 corpos inferiores em conjunto.

Temos pois uma dualidade: 2 polos, positivo e negativo e uma triplicidade: os 3 fogos, sendo cada fogo tríplice.

Raciocinando em termos numéricos, temos 3 fogos tríplices, que, multiplicados (3 x 3), produzem o Nove. Somando ao Nove o Um produzido pelos 2 polos que se unem pelo contato (a Vida estimuladora e a Vida estimulada), temos o Dez da perfeição.

A expressão "fator central do fogo solar", usada pelo Mestre Djwal Khul, refere-se aos Devas, que constituem a essência do fogo solar, como dos outros 2 fogos: elétrico e por fricção. O fogo solar é destacado aqui, porque, por ser ele o agente de coesão ou de ligação, exerce papel de grande importância no estímulo a ser dado à Vida a ser estimulada, na sua ação sobre a parede esferoidal do átomo, em se tratando desse. Todavia esse mesmo raciocínio aplica-se aos demais "átomos", como o humano, o que é fácil de entender, ao analisarmos a ação dos Kumaras sobre o homem lemuriano. Como os Kumaras estavam convivendo fisicamente com os lemurianos, lado a lado, suas auras interpenetravam as dos lemurianos (a parede esferoidal do "átomo", quando olhamos o homem lemuriano como um átomo maior) e, assim, o fogo solar mais elevado dos Kumaras era transferido para as auras dos lemurianos, os quais eram intensamente estimulados.

Desse modo os lemurianos, estimulados, reagiram ao estímulo e intensificaram suas mentes, propiciando o processo de construção do Loto Egoico pelo Anjo Solar. Esse trabalho dos Kumaras foi *literalmente de transmutação*.

Faremos mais comentários no próximo estudo.

Estudo 214

3. Manas nas Rondas Finais

a. O Processo Transmutador - A Manipulação Consciente dos Fogos (Continuação dos Comentários sobre as páginas 408, 409 e 410)

Continuemos nossos comentários sobre o conteúdo das páginas 408, 409 e 410 do Tratado sobre Fogo Cósmico. Analisemos as palavras do Mestre Djwal Khul, referentes a Agni, Indra e um Terceiro, cujo nome não é dado, como personificações dos Devas do fogo do plano mental cósmico. Sabemos que Agni é o regente do plano mental do nosso sistema e Indra do plano búdico. O Terceiro (cujo nome não é dado) deve ser o regente do plano átomico. Temos portanto, de forma clara e óbvia, uma relação entre o plano mental cósmico e os planos átomico, búdico e mental do sistema, em termos de fogo. Ora, o plano átomico, sendo o terceiro, é regido pelo 3º Raio, Inteligência Ativa, Manas, do qual se originam o 4º Raio, que rege o plano búdico e o 5º Raio, regente do plano mental. Assim, podemos deduzir, dentro de um raciocínio lógico, que os nossos planos átomico, búdico e mental são influenciados pelo plano mental cósmico, dedução essa que nos leva a maiores especulações, sempre numa linha de raciocínio lógico.

Quando o Mestre D. K. diz que a essência do fogo ou substância se dissolve mediante a atividade interna e o calor externo, de tal modo que o fogo elétrico, no centro do átomo, libera-se e busca uma nova forma, interpretamos a expressão "se dissolve" como "impregna" e "calor externo" como "dinamização do movimento das partículas", o que torna a forma menos densa ou mais rarefeita, levando o fogo elétrico (a vida interna) à liberdade, uma vez que ele passa a trabalhar com uma forma mais leve e conseqüentemente com mais capacidade de movimento, ou seja, mais ágil. Assim, concluímos que as palavras do Mestre D. K. são profundamente esclarecedoras, racionais e científicas.

Vejamos agora a falta de êxito por parte dos alquimistas do reino mineral no processo de transmutação. No item primeiro o Mestre D. K. cita a incapacidade de fazer contato com a vida (chispa) elétrica central, por desconhecerem certas leis da eletricidade e, principalmente, a fórmula estabelecida que abarca a esfera de influência elétrica de tal chispa. Na nossa interpretação os alquimistas não conseguiram "ver" a vida dentro do átomo químico, a "chispa elétrica", agente gerador da atividade do átomo, desconheciam a interação entre os 3 fogos, não tinham noção do processo de sintonia (que o Mestre D. K. chama fusão) e não sabiam o propósito da vida central e por isso também não sabiam a fórmula, que é o método de ação da vida central (a chispa elétrica) para conseguir seu propósito. Devido a essa falta de conhecimento, os alquimistas agiam apenas materialmente e não colocavam no processo a parte mais importante, que não pode ser revelada publicamente. Todavia, deram origem à organização da química como ciência.

No 2º item temos a incapacidade de criar o necessário canal pelo qual a vida que escapa pode entrar em nova forma. Já que não conseguiram ver essa vida central no átomo químico, não podiam conduzi-la a uma nova forma. Apenas podiam conseguir destruir a forma, liberando a vida, sem poder realizar realmente a transmutação.

No 3º item temos a incapacidade de controlar os elementais do fogo, que são o fogo externo e afetam a chispa central através do meio ambiente. Sabemos que para controlar os devas, o homem deve primeiro controlar os pitris lunares de seus corpos, sem o que torna-se altamente perigoso tentar controlar os devas por meio de cores e sons, caso descubra essas cores e esses

sons, uma vez que, ante qualquer descuido, as consequências serão funestas para o alquimista, pois seus corpos são formados de essência dévica.

O Mestre D. K. diz que esta incapacidade é essencialmente dos alquimistas da nossa 5ª raça-raiz, por terem perdido as Palavras, as fórmulas e os sons, sendo isso consequência do mau uso feito na raça atlante, quando, pelo uso da cor e do som, conseguiam dominar os elementais e usá-los para fins egoístas e estranhos às suas finalidades.

Sabemos que os atlantes, por possuírem a visão e a audição astrais de nascença, conseguiam ver e ouvir os devas operando na natureza e assim aprendiam as cores e os sons (vibrações) provocados por eles na execução dos diversos fenômenos. Assim podiam reproduzir essas cores e esses sons e direcionar as atividades dos devas para os fins que os alquimistas atlantes queriam.

Os atlantes apenas sabiam reproduzir as cores e os sons, mas não entendiam o processo, porque suas mentes ainda não estavam em plena atividade, uma vez que a meta da raça atlante, a 4ª, foi desenvolver o corpo astral e não o mental. Mas o comportamento dos alquimistas atlantes foi tão prejudicial ao Plano Divino, que a Hierarquia se viu obrigada a desativar a visão e a audição astrais da raça humana, desconectando o chacra alta maior da coluna vertebral etérica, ficando ele inativo. O Mestre D. K. diz que esse conhecimento pode ser adquirido com relativa facilidade, pelo desenvolvimento do ouvido espiritual interno. Este despertar do ouvido espiritual interno está ligado ao processo evolutivo dentro dos padrões da Hierarquia e do Plano Divino, ou seja, pelo uso da mente, pela busca do conhecimento, pela meditação verdadeira (e não essas atitudes devocionais que erroneamente chamam meditação) e pelo autocontrole completo, ou seja, dos 3 corpos inferiores: físico, astral e mental. Assim, o chacra alta maior se conecta com a coluna vertebral etérica, despertando a visão e a audição astrais (o chacra alta maior se conecta com o laríngeo). Nesse processo consideramos também o salto do fogo por fricção tríplice do chacra entre as omoplatas para o alta maior, o que supõe a fusão dos fogos por fricção/elétrico, /solar e /por fricção.

Pela expressão "relativa facilidade", percebemos claramente que a recuperação desses sons e cores não é tão fácil, pois requer vontade, esforço, busca do conhecimento e sua aplicação em si mesmo e no serviço altruísta pela evolução da humanidade.

Finalizando, podemos afirmar que pelo estudo da Física e da Química modernas, com enfoque esotérico, melhor dizendo, tendo na mente as informações do Mestre D. K. , podemos descortinar muita coisa do processo de transmutação, como, por exemplo, os decaimentos alfa e beta.

Estudo 215

3. Manas nas Rondas Finais

a. O Processo Transmutador - A Manipulação Consciente dos Fogos (Comentários sobre o conteúdo das páginas 409 e 410)

Continuemos nossos comentários sobre o processo de transmutação. Enfoquemos nossa atenção sobre a chamada "nota", neste processo. Primeiramente procuremos entender o que é essa "nota". Para tal sigamos uma linha de raciocínio, com base em uma lógica. A palavra nota, neste contexto, significa som. Seria muita ingenuidade pensar que seja apenas uma nota musical. Ela somente indicaria a frequência fundamental e não seria unicamente uma nota,

dentre as sete. Como tudo na natureza vibra ou oscila e toda oscilação se repete um determinado número de vezes, temos o conceito de frequência associado a toda oscilação ou vibração. Frequência é o número de oscilações ou vibrações por segundo (simbolizado por hz , hertz, na eletrônica).

Sendo o som uma onda mecânica, diferente da onda eletromagnética, é a partícula que oscila ou vibra. Ora, oscilação é um movimento que se repete. Todo movimento tem uma trajetória, que pode ter muitas formas: retilínea, curva, parabólica, quadrada, retangular, triangular, pentagonal, hexagonal, heptagonal, enfim, uma infinidade de formas. Sendo uma onda alternada, o movimento ocorre inicialmente num sentido (uma alternância ou um semiciclo) e depois no sentido oposto (a outra alternância ou o outro semiciclo), perfazendo os 2 semiciclos um ciclo. Vemos aí a analogia da Lei dos ciclos. A evolução se processa em 2 semiciclos: o semiciclo no sentido para o mais denso (chamado involução) e o semiciclo inverso no sentido para o mais sutil (chamado retorno). Na encarnação temos o movimento indo da matéria causal, quando o Ego desloca sua atenção da matéria causal, indo no sentido para a matéria física e ocorre o nascimento (quando termina um semiciclo). Logo após o nascimento, inicia-se o outro semiciclo, no sentido para o mais sutil, que se encerra quando o Ego retorna sua atenção para a matéria causal, após as 3 mortes (a física, a astral e a mental), completando-se um ciclo completo na vida do Ego.

Temos no som uma outra característica a ser observada: sua força ou intensidade, que possui grandeza. Podemos entender essa força, claramente, no movimento. No início de um semiciclo, a partícula, saindo do estado de repouso (estado quiescente) para o de movimento, sai da velocidade zero para uma velocidade maior do que zero, excitada por uma energia que penetrou nessa partícula, sendo essa velocidade acelerada gradualmente, de várias maneiras, por exemplo, dobrando a cada instante, como, sendo v a velocidade inicial, passa para $2v$ no instante seguinte, $4v$ no seguinte, $8v$ no seguinte, até atingir a velocidade máxima e começar a desacelerar, até recomeçar tudo no sentido inverso. Sabemos da Física que toda partícula em movimento possui uma energia cinética igual ao produto de sua massa pela sua velocidade, logo, quando ela chega ao máximo de velocidade, está dotada de uma força.

Considerando a quantidade de partículas executando o mesmo movimento num som, teremos o conceito de pressão do som, pois teremos várias unidades de força atuando numa determinada área. Assim conseguimos demonstrar, por meio de um raciocínio simples e lógico, que o som, realmente, pode construir e destruir, como diz o Mestre Djwal Khul.

No reino mineral todos os átomos químicos são formados de elementos básicos, chamados quarks pelos físicos e átomos físicos primordiais pelos ocultistas. Esses elementos básicos executam movimentos cíclicos, gerando conseqüentemente ondas mecânicas e sons. Como cada elemento químico tem seu átomo formado de uma quantidade específica de elementos básicos, que varia de elemento para elemento, concluímos que cada átomo químico tem seu próprio som, diferente do som do átomo químico de outro elemento. Todavia, quando consideramos os isótopos, que são elementos químicos, com átomos possuindo o mesmo número Z (quantidade de prótons no núcleo) mas diferente número A (a soma de prótons e nêutrons no núcleo), vemos que, para um mesmo elemento químico, ha variação do seu som ou da sua nota. Por exemplo, o hidrogênio (H) tem 3 isótopos: o hidrogênio comum, com somente 1 próton no núcleo e 1 elétron na coroa, o deutério, com 1 elétron na coroa e, no núcleo, 1 próton e 1 nêutron, e finalmente o trítio, com 1 elétron na coroa e, no núcleo, 1 próton e 2 nêutrons. Assim temos o hidrogênio de $Z=1$ e $A=1$, o deutério de $Z=1$ e $A=2$ e o trítio de $Z=1$ e $A=3$. Logo cada isótopo emite sons diferentes. Quando examinamos o ouro (Au), com 32

isótopos, concluímos que ele emite 32 sons diferentes, embora em todos os isótopos prevaleça um som ou nota fundamental, em virtude de ser o mesmo o número $Z=79$.

Portanto conhecer a nota de um elemento químico, para poder fazer a transmutação, implica em conhecer sua estrutura e os movimentos que as partículas constituintes executam e as forças desses movimentos. Assim, concluímos, com base nessas informações, que conhecer a nota de um elemento significa saber esses detalhes do elemento e não uma mera pronúncia de palavras, como muitos erroneamente e, às vezes, de uma forma ridícula, pensam.

Quando consideramos o reino mineral como um todo, levando em conta todos os estados em que se encontram os elementos químicos, uma vez que, obviamente, ao mudar de estado, o som de um elemento se modifica, porque ocorre alteração nas ligações moleculares e isso afeta a coroa de elétrons, concluímos logicamente que conhecer a nota ou o som de um reino é algo muito complicado, implicando ainda no conhecimento da Vida maior que se expressa por todo o reino mineral e pela interferência da Entidade planetária.

Com base nesse raciocínio e nessas conclusões, podemos deduzir que somente aquele que já tem bem desenvolvida a consciência na matéria búdica, pela coordenação já iniciada do seu corpo búdico em decorrência da ativação do seu átomo búdico permanente, o que começa na 2ª iniciação planetária, possui qualificação para efetuar transmutação no reino mineral. Lembramos que é pelo sentido da audição (chamado captação) do corpo búdico, que o homem pode ouvir a nota do seu Logos planetário. O mundo da matéria búdica é onde o verdadeiro conhecimento é adquirido (pelo sentido do corpo búdico chamado "intuição"), após o homem ter desenvolvido bastante sua mente (manas) e sua capacidade de discriminar e analisar. Não é por via devocional que esse conhecimento é adquirido.